

## INFRAESTRUTURA

# Blecaute em SP agrava a crise

Depois do apagão no Nordeste, corte de luz na capital paulista piora clima no Palácio do Planalto. Dilma volta a cobrar explicações

» SÍLVIO RIBAS

O blecaute de cinco minutos que atingiu na tarde de ontem 21 bairros da zona sul de São Paulo acabou servindo para esquentar o atual debate nacional sobre a eficiência e a segurança do sistema elétrico brasileiro. As recentes explicações dadas pelo Ministério de Minas e Energia sobre o apagão que atingiu o Nordeste na semana passada não satisfizeram a oposição nem mesmo o governo. Cinco dias depois do corte de fornecimento de energia em oito estados, deixando mais de 46 milhões de pessoas às escuras, a presidente Dilma Rousseff foi obrigada novamente a mudar sua agenda para reagir às críticas ao modelo criado, sob sua inspiração, há sete anos pela gestão petista.

Ainda irritada com a repercussão negativa, Dilma reuniu-se no fim da tarde de ontem com o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, e dirigentes do setor elétrico, cobrando um relato preciso sobre o que realmente causou o apagão nordestino. Dilma considerou "insatisfatória" a explicação apresentada segunda-feira pelo secretário executivo de Minas e Energia, Marcio Zimmermann, e telefonou na manhã de ontem para Lobão. No entendimento da presidente, a população não teve explicação clara sobre o primeiro apagão do seu governo. O diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Nelson Hubner, abandonou uma reunião para

atender, às pressas, o chamado presidencial.

Antes da reunião, porém, às 15h21, a parcela mais nobre da capital paulista experimentava o caos que desligou elevadores e semáforos e até interrompeu pousos e decolagens no Aeroporto de Congonhas. A Eletropaulo, concessionária estadual responsável pelo fornecimento de energia elétrica, informou que houve apenas uma falha na transmissão de uma subestação, o que deixou 2,5 milhões de pessoas sem luz. A Companhia de Transmissão e Energia Elétrica Paulista (Cteep), responsável pela transmissão de energia informou, por sua vez, que um dos três transformadores da subestação Bandeirantes falhou.

## Transparência

De novo, uma subestação gerou transtornos gigantescos. Dessa vez, contudo, a origem se deu sob a jurisdição do governo opositor do PSDB. Na segunda-feira, deputados do PSDB apresentaram à Mesa Diretora da Câmara requerimento para ouvir Lobão sobre as causas do apagão do Nordeste. Os parlamentares anunciaram que vão solicitar investigação ao Ministério Público, além de auditorias do Tribunal de Contas da União (TCU) e da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

Aos olhos dos estudiosos do setor, a presidente Dilma acertou ao cobrar mais dados sobre o evento do Nordeste, ainda repleto de dúvidas. A justificativa de

## Financiamento

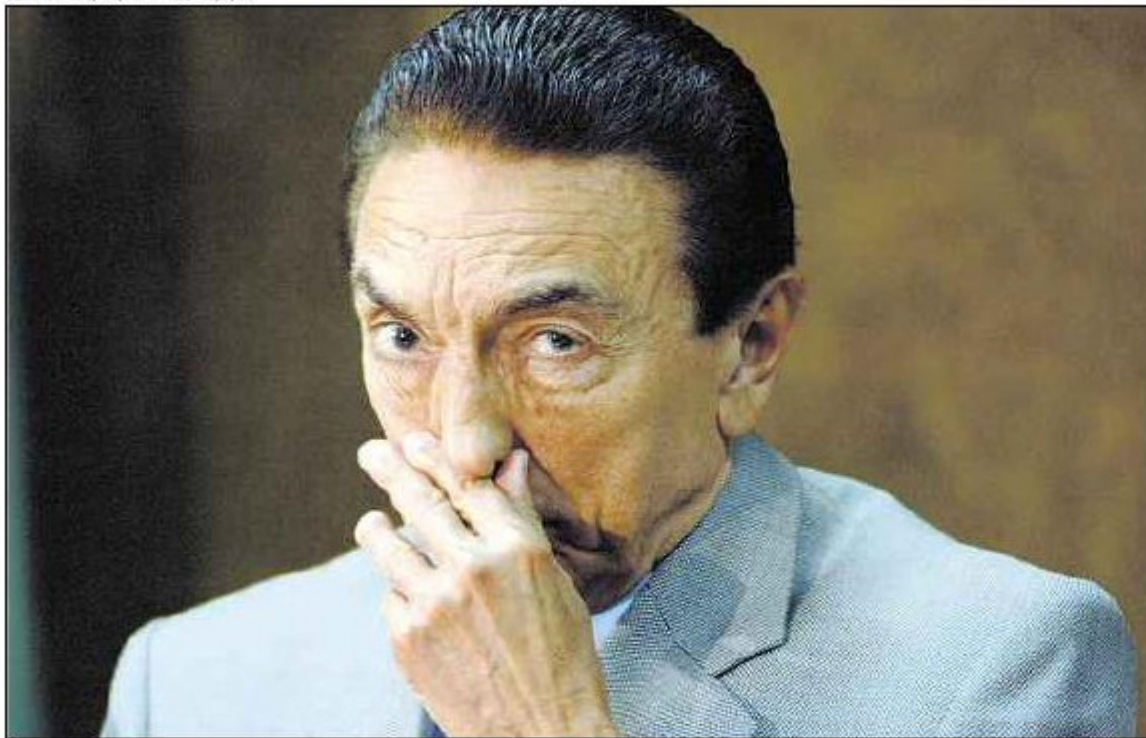
O Plenário do Senado Federal ampliou em R\$ 90 bilhões a linha de crédito do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para o setor elétrico, passando de R\$ 44 bilhões para R\$ 134 bilhões. Esse financiamento possui taxas subsidiadas pelo governo e deve aumentar a participação da iniciativa privada na geração de energia e permitir o andamento das obras das usinas de Jirau e Santo Antônio, em Rondônia, e a construção de Belo Monte, no Pará.

que houve apenas uma falha em um cartão de proteção do sistema, na subestação de Luiz Gonzaga, em Pernambuco, é até tecnicamente aceitável, mas insuficiente para explicar o tamanho dos seus desdobramentos. “Eventos como o envolvendo a Chesf (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) na sexta-feira geram grave preocupação à medida que revelam a fragilidade de um sistema grande e complexo”, disse Nivalde de Castro, coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico (Gesel), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Adriano Pires, professor da UFRJ e diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (Cbie), o apagão paulistano refletiu causas conjunturais, como o aumento da carga em tempos de verão. Mas ele ressalta que o tipo de falha ocorrida numa subestação de uma concessionária privada remete às mesmas causas dos grandes apagões de 2009 e 2011, marcados pela gestão estatal. “Temos de rever o modelo elétrico brasileiro, que inibe **investimentos** em manutenção e modernização, além de falhar na fiscalização dos serviços de distribuição e transmissão”, criticou.

A Aneel rebateu as críticas de falta de fiscalização e informou que a autarquia realiza checagens periódicas nas geradoras, nas distribuidoras e nas transmissoras em todo o país. “Essa atividade segue um cronograma anual e na modalidade técnica-comercial avalia a manutenção dos equipamentos, a operação e o atendimento aos clientes”, afirmou o órgão. Números da agência mostram que, em 2010, foram feitas, no total, 1.105 ações desse tipo. **(Colaborou Rosana Hessel)**

Cadu Gomes/LB/U.A Press - 6/5/08



**Edison Lobão, ministro de Minas e Energia, teve que explicar, mais uma vez, o motivo das falhas**

## **Novo apagão atinge São Paulo e Dilma cobra explicações**

Presidente reúne cúpula do setor e ordena nova investigação sobre blecaute no Nordeste. Ontem, Congonhas usou geradores.

A presidente Dilma Rousseff, que já foi ministra de Minas e Energia, não gostou da explicação apresentada pelas autoridades do setor elétrico na segunda-feira para o apagão que, na madrugada da última sexta-feira, deixou oito estados do Nordeste sem luz por até cinco horas. Ontem, foi a vez de São Paulo, que ficou sem energia parte da tarde. Irritada com as explicações sobre o apagão da semana passada, Dilma convocou uma reunião emergencial no Palácio do Planalto para discutir as causas do blecaute e mandar refazer a investigação sobre o caso. O encontro com a cúpula do setor durou mais de três horas.

Interlocutores disseram que a presidente não concordou com a alegação de que a causa do blecaute teria sido uma falha no cartão eletrônico do sistema de proteção da subestação de energia de Luiz Gonzaga, na divisa entre Bahia e Pernambuco. Dilma não tinha uma hipótese para o corte de luz que afetou mais de 40 milhões de pessoas. Mas, para ela, um defeito dessa natureza não justificaria o apagão.

Dilma também estava preocupada com a velocidade de resposta do governo a ocorrências de tal magnitude. As principais punições pelo grande blecaute de novembro de 2009, por exemplo, ainda não foram consumadas — ontem mesmo foi recalculado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) o valor da maior multa aplicada, contra Furnas Transmissão.

— A presidente Dilma está inconformada com o apagão e insatisfeita com os resultados apresentados — afirmou uma fonte do setor elétrico.

Após a reunião com Dilma, o diretor da Aneel, Nelson Hubner, disse apenas que haveria novas reuniões noite adentro para discutir o apagão no Nordeste. Ele não quis falar quais foram as determinações da presidente. Aveso a entrevistas, o presidente da Chesf, Dilton Daconti Oliveira, afirmou que não há conclusões ainda sobre as causas do blecaute e que só depois de encerrada a investigação dará novos esclarecimentos:

— Não estou desdizendo nada do que falei ontem (anteontem). Estou dizendo que preciso trabalhar hoje.

Ministério culpou cartão eletrônico pelo blecaute

Antes de chegar ao Palácio do Planalto, Hubner informou que ainda está sob avaliação uma possível multa à Chesf, que é a subsidiária da Eletrobras que administra a hidrelétrica de Sobradinho (BA), a subestação de Luiz Gonzaga e as linhas de transmissão que caíram. Mas ele garantiu que, desta vez, haverá mais rapidez na apresentação do relatório de investigação do que no apagão de 2009.

Anteontem, o secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia, Márcio Zimmermann, afirmou que uma falha no software fez com que toda a comunicação da subestação à hidrelétrica fosse desligado. O cartão funciona como os disjuntores das residências, que desligam quando há um problema na rede externa para não pôr em perigo bens ligados à tomada, como geladeira e TVs, por exemplo.

Após o apagão do Nordeste na semana passada, um blecaute atingiu parte da cidade de São Paulo ontem à tarde. Uma falha no transformador de uma subestação da Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista (Cteep), por volta de 15h, acionou o dispositivo de segurança que fez desligar outros equipamentos, deixando sem luz bairros das zonas Sul e Oeste, além de pontos de áreas mais centrais da cidade, como a região das avenidas Paulista e Brigadeiro Luiz Antonio.

O fornecimento de energia só foi normalizado meia hora após a pane. Segundo a Secretaria de Energia do estado, o apagão atingiu 2,5 milhões de pessoas e 627 mil imóveis (unidades consumidoras). O aeroporto de Congonhas funcionou durante 15 minutos movido a geradores.

### **Especialistas aprovam críticas de Dilma**

Para a reunião de ontem, Dilma convocou órgãos e empresas do setor elétrico envolvidos no blecaute. Participaram o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, Zimmermann, Hubner, o presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, e representantes do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), da Eletrobras e da

Chesf. Dilma está irritada com o fato de o blecaute ocorrer no momento em que faz mudanças no setor elétrico, tentando limitar a influência de alguns grupos políticos.

Na sexta-feira, nas primeiras horas da manhã e pouco após o religamento completo do fornecimento de luz no Nordeste, Dilma conversou com Lobão ao telefone e orientou que o assunto fosse tratado da forma mais transparente e rápida possível. Em seguida, o ministro deu entrevista coletiva. À tarde, foi chamado ao Palácio do Planalto.

A rejeição de Dilma ao relatório foi vista de forma positiva por alguns especialistas do setor. O Coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico (Gesel) da UFRJ, Nivalde de Castro, disse que a decisão da presidente indica maior rigor na condução do setor elétrico:

— Ao exigir um aprofundamento da análise (Dilma) sinaliza para as instituições e empresas do setor que o controle de qualidade será sistemático.

O especialista Raimundo Batista concorda. Para ele, em geral os apagões dos últimos anos não foram bem explicados:

- É inédito um presidente rejeitar um relatório técnico.

## **Indústria quer cobrar prejuízos com apagão**

A indústria do Polo de Camaçari, na Bahia, já registra um prejuízo diário de R\$ 30 milhões em função do blecaute originado nas linhas de transmissão e subestação da Chesf e que atingiu o Nordeste do país na sexta-feira passada.

As estimativas são das empresas ligadas à Associação dos Grandes Consumidores de Energia (Abrace) e já se estima que em todo o Nordeste o prejuízo se aproxime de R\$ 100 milhões. As perdas da grande indústria são só a ponta de um problema que vem se intensificando desde o grande apagão de 2009, que a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) creditou ontem à empresa Furnas, e que tem atingido consumidores por todo o país.

Nos 12 meses encerrados em novembro de 2010, e que portanto já exclui todo o efeito do apagão de novembro de 2009, o consumidor brasileiro enfrentou 20 horas de falta de energia elétrica, número superior ao total de 17 horas de falta de luz enfrentadas em 2008 e também acima das 19 horas do ano de 2009, que incluía o próprio efeito do apagão daquele ano.

Distribuidoras e transmissoras de energia atribuem os problemas à grande quantidade de chuva ou queda de árvores para pequenos apagões. Mas no caso da Chesf, a causa ainda não está clara. Tampouco a Companhia Transmissão Paulista (Cteep), responsável por blecaute que atingiu parte da cidade de São Paulo informou as causas para seus transformadores terem se autodesligado ontem.

O secretário de energia do Estado de São Paulo, José Anibal, diz que no dia anterior, em reunião da secretaria, já se percebia um gargalo na subestação Bandeirantes, da Cteep. A empresa deveria ter colocado em operação em abril do ano passado uma nova subestação em operação para tirar a carga sobre a subestação Bandeirantes. As obras da nova subestação, a de Piratininga, só foram iniciadas em dezembro por problemas ambientais. O terreno previsto inicialmente para a instalação da subestação estava contaminado.

O atraso, entretanto, está registrado. Reportagem do Valor de setembro do ano passado já apontava um atraso crônico em obras de linhas de transmissão e subestações pelo país. Na época mais de seis mil quilômetros (km) em linhas estavam atrasados e centenas de subestações.

O presidente da Abrace, Paulo Pedrosa, diz que todo o prejuízo sofrido pela indústria nordestina será cobrado pelo responsável pelo apagão. "Nós consumidores pagamos e pagamos caro pela proteção dupla do sistema, com linhas que não são usadas para evitar esse tipo de evento, portanto não vamos pagar mais uma vez essa conta", diz Pedrosa. Algumas indústrias do Polo ainda estão paradas porque o desligamento abrupto exige, agora, uma limpeza antes do religamento.

Ontem, a Aneel manteve uma multa de R\$ 43 milhões contra Furnas e com isso a empresa passa a ser responsável pelo apagão, abrindo margem para que consumidores também cobrem prejuízos do apagão de 2009 à empresa. A companhia do grupo Eletrobras terá que recorrer à Justiça se quiser reverter essa multa.

Não são só os grandes apagões que afetam empresas e residências. O número de pequenos apagões tem crescido fortemente. O aumento do tempo e da frequência dos cortes de energia mostra uma queda no nível de qualidade do serviço, reflexo de atrasos e falta de investimentos em manutenção em diferentes elos da cadeia de fornecimento de energia.

Esse acompanhamento é realizado pela Aneel, mas na prática, exerce pouca pressão sobre as empresas, segundo Nivalde José de Castro, coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico do Instituto de Economia da UFRJ (Gesel). Isso porque o valor gerado pelas multas era destinado a um fundo que poderia ser acionado para o investimento em melhoria do serviço. "Isso é pouco eficiente", avalia. A partir do novo modelo, o consumidor deve receber na conta o desconto devido pela falta do fornecimento da energia.

Na área da Eletropaulo, por exemplo, os consumidores ficaram sem energia por oito horas em 2008, tempo que saltou para 16 horas em 2009, reflexo do blecaute provocado pelo problema em Furnas. Em novembro de 2010, o padrão na distribuição em 12 meses não atingiu os níveis pré-apagão. Os moradores de São Paulo ficaram 11 horas sem

energia de dezembro de 2009 a novembro de 2010.

Na Bahia, a Coelba também apresentou um aumento do número de horas com corte no fornecimento de 14 horas em 2008 para 15 horas em 2009. Em maio de 2010, contando os últimos 12 meses, foram 20 horas de interrupção na distribuição de energia.